CENTRO EXCURSIONISTA PETROPOLITANO



Nesta edição

PICO DO FOGO

COLUNA TÉCNICA

A IMPORTÂNCIA DO MONTANHISMO ORGANIZADO

E MAIS!

Boletim Julho/ Agosto 2026

Centro Excursionista Petropolitano
Fundado em 15 de maio de 1958

Sede: Rua Irmãos D'Ângelo, 39, s/l 5
Centro - Petrópolis / RJ - CEP: 25685-330

Funcionamento:
Quartas e Sextas de 18h a 20h

cep.petropolitano@gmail.br
cep.centroexcursionistapetropolitano
cep_excursionistapetropolitano
www.petropolitano.org.br

Diretoria Biênio 2026-2027

Presidente: Alfredo Eccard
Comunicação: Nina Silva
Patrimônio: Natania Kronemberger
Administrativo/Financeiro: Marcelo de Figueiredo
Técnico: Paulo Lucio Tesch Loureiro

Colaboraram neste boletim:
Marcelo Lemos, Jeferson Costa, Letícia Fliess, Paulo Lucio Tesch Loureiro, Alfredo Eccard e Nina Silva

Capa: Pico do Fogo, Cabo Verde. Foto: Marcelo Lemos

Este boletim é um informativo bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionista brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do Centro Excursionista Petropolitano, o mês e o autor.

03 **Comunidade CEP**
Aniversariantes, novos sócios e informes financeiros

04 **Pico do Fogo - Patrimônio Natural de Cabo Verde**
Por Marcelo Lemos

12 **Por que estar na montanha não basta para a conservaçao ambiental?**
Por Nina Silva

14 **Coluna Técnica**
Como Organizar fitas longas no Baudrier, por Jeferson Costa

17 **A importância do montanhismo organizado**
Por Letícia Fliess

20 **Cepenses homenageados**

21 **Rolou no CEP**

25 **Vai rolar no CEP**
Programação bimestral

27 **Notas**

ANIVERSARIANTES

JULHO

02.07 Bruno de Oliveira Kappaun
03.07 Lia Carvalho Haack
10.07 Leandro Bandeira Borré
10.07 Stephanie Kristine Nass
10.07 Mario de Mello Figueiredo Neto
11.07 Odelei Simas
12.07 Gunther Dingler
17.07 Douglas Queiroz Simões
20.07 Roberto Teixeira Bastos
20.07 Renan Vieira Hansen
22.07 Claudio Ricardo Peixoto França
22.07 Luiz Carlos Gappo
24.07 Hugo Luiz Salles de Souza Frinzi
24.07 Bruno Félix de Araújo
30.07 Mario Dias Costa de Souza Lordeiro



AGOSTO

05.08 Daniel Romero da Silva
09.08 Mariana Beatriz Moreno Mardones
13.08 Wanderlei Stumpf de Oliveira
13.08 Alex Sandro Ribeiro
13.08 Leonardo Alves Garrido
14.08 Jeferson Monteiro da Costa
22.08 Almir José Wentrick
25.08 Leonardo da Cunha de Carvalhaes
31.08 Renato Walter Mattos

NOVOS SÓCIOS

1579 Renato Augusto da Silva Monteiro
1580 Martim Passos
1581 Jennifer dos Santos Gonçalves
1582 Claudiomar Batista do Carmo
1583 André Luiz Alves da Silva
1584 Mariana Ribeiro Vidal
1585 José Rubens Corrêa Bruno
1586 Andréa Meira Ázara

Bem-vindos!

TAXAS E MENSALIDADES

Trimestralidade: R$ 60,00
Excursão p/ não sócios: R$ 50,00
(São isentos os convidados pessoais do guia)

Dados para Pagamento
Banco: Itaú (341)
Favorecido: Centro Excursionista Petropolitano
Chave PIX (CNPJ): 30.238.950/0001-10

Lembrete aos associados

Chegamos à metade do ano e lembramos a importância de manter as trimestralidades em dia.
A regularidade dos pagamentos é fundamental para o bom funcionamento do clube. Reforçamos que sócios inadimplentes poderão ser desligados do quadro social caso as pendências não sejam regularizadas.
Em caso de dúvidas, procure a diretoria.

PICO DO FOGO – PATRIMÔNIO NATURAL DE CABO VERDE

MARCELO LEMOS

O dia 13 de abril estava em sua aurora quando iniciei minha jornada da Ilha de Santiago para a Ilha do Fogo. Duas ilhas, separadas por 90 km, de um total de dez pertencentes ao arquipélago de Cabo Verde, a cerca de 500 km da costa atlântica da África.

Após quatro horas sacolejando no catamarã em mar aberto, observei pela janela translúcida devido ao sal impregnado que o horizonte não estava plano. A razão principal para minha viagem havia surgido a boreste: o Pico do Fogo. Um pico vulcânico que na verdade é um cone menor e mais alto dentro de uma caldeira de um vulcão maior que se confunde com a própria ilha, chamado Monte Amarelo. A grande cratera deste último, chamada Bordeira, abrange uma semicircunferência que atua como uma barreira natural entre o Pico do Fogo e a sua principal cidade, São Filipe, situada na costa, onde está o porto de chegada.

A próxima etapa da viagem foi vencida em uma van e durou quase uma hora e meia para me levar direto do nível do mar até cerca de 1.700 metros de altitude, para um mundo à parte: o povoado de Chã das Caldeiras, citado no local como único no mundo dentro de um vulcão ativo (ainda que eu tenha encontrado referências de um local habitado semelhante dentro de um vulcão no Japão).

As primeiras cenas da caldeira foram diferentes de tudo o que eu já tinha visto na vida. Fiquei encantado.

Parecia que a erupção tinha terminado há poucos dias e a lava acabado de se resfriar. Um local governado e transformado pelas forças da natureza. O motorista me mostrou um trecho da estrada original reta que cortava a caldeira pelo seu diâmetro e a cratera da erupção de 2014/2015 que destruiu grande parte desta estrada. O novo acesso contorna a caldeira, mantendo uma distância próxima da Bordeira. Também foi mostrada a cratera da erupção de 1995. Todas estas, quando comparadas ao Pico do Fogo, eram diminutas. A última erupção ocorrida pelo Pico do Fogo, o ponto culminante da ilha e do país, foi em 1680. Esta erupção provocou uma chuva de rochas e levou a um êxodo populacional para as ilhas vizinhas. A caldeira está perfurada por *vents* (os pontos de alívio de pressão exercidos pelo magma) pelas cerca de trinta erupções registradas na história.

Fui recebido por Helena, a proprietária da pousada em que me hospedei. Pouco depois, ela foi buscar um guia em uma associação de guias para a subida ao Pico do Fogo no dia seguinte. Eu já havia enviado uma mensagem no ato da reserva que iria precisar de guia. Até onde me informei, o guia não é mandatório. Não há um posto de controle de acesso, portaria ou algo do gênero. Mas havia ressalvas quanto à possibilidade de se tomar caminhos errados na descida a partir do cume, o que poderia gerar atrasos. Com tempo aberto, a orientação não é um problema. Basta visualizar Chã das Caldeiras lá embaixo.



Na chegada a Chã das Caldeiras, a primeira impressão é a de que saímos do nosso planeta.



São Filipe, a principal cidade da Ilha do Fogo. Ao fundo, a Bordeira é vista pela parte externa da cratera do grande vulcão Monte Amarelo

Mas outro motivo também apontado para a utilização de guias é a ajuda à economia em um local que não permite muita diversidade de atividades. A base está na agricultura, sobretudo da vinha para a produção de vinho e suco. O café também é plantado nas partes mais baixas (não vi as plantações). Além disso, criações de cabras e porcos também são bem exploradas. E com o turismo crescente, o número de pousadas e restaurantes está crescendo. E com isso, o número de guias. No final da tarde, Helena me apresentou a Jeremias - jovem, tímido e muito educado. Combinamos o horário para o dia seguinte. Estaríamos em marcha às 06:30 no dia seguinte. O café-da-manhã seria servido às seis.

A alvorada iniciou com uma gradação de cores no horizonte. Típico como qualquer outro dia, na verdade. Mas com a diferença que eu veria pela primeira vez a cratera de um vulcão ativo. Os horários foram cumpridos pontualmente e lá estávamos eu e Jeremias dando os primeiros passos quando o sol se aproximava para inundar o local com sua energia. É importante começar bem cedo para se evitar o calor das horas mais avançadas.

PICO DO FOGO

Cerca de meia-hora depois, iniciamos a maior inclinação do cone vulcânico. Nosso ritmo era bom. Avançávamos rápido e com passos firmes. As pausas eram ditadas por Jeremias. Com a elevação, o cenário foi ficando cada vez mais encantador. No limite da visão, dominado pelo oceano circundante, havia um colossal tapete de nuvens que se estendia até o horizonte. Os vários vents de erupções do passado, verdadeiras cicatrizes, foram se destacando, na quantidade e no formato variado.

A partir de determinada altitude, acredito que por volta de 2.500 metros, o terreno deixa de ter muitos cascalhos para ser rochoso, o que nos obrigava a não atacar mais a crista de maneira direta, mas de forma sinuosa, o que indicava que o momento que eu tanto aguardava se aproximava.

Saquei o celular e comecei a gravar em vídeo os metros finais da ascensão, após cerca de duas horas e vinte minutos após a saída da pousada. Um merecido registro daquele momento. O vulcão, erguido por forças colossais oriundas dos confins internos do planeta; o cheiro de enxofre dominando o ambiente; a depressão de uns 150 metros de sua boca com cerca de 500 metros de diâmetro. Tudo ímpar, inédito e grandioso. Uma porção da depressão em especial chamava a atenção por dela sair continuamente uma fumaça, acredito que sulfurosa, o que indicava que o solo naquele local estava bem aquecido. Havia alguns caminhos que evidenciavam ser possível descer até o fundo da cratera. Mas isto só é possível em condições específicas, pois a toxicidade dos gases sulfurosos pode causar problemas consideráveis. Jeremias falou que o cheiro diminui na época das chuvas, em torno do mês de novembro.

O local ainda não era o cume de fato, mas permanecemos ali por meia-hora até a chegada de dois grupos pelos quais passamos na subida. Perguntei a Jeremias se podíamos ir ao cume verdadeiro e pra lá seguimos. Precisamos passar por uma encosta um pouco exposta e para isso havia um cabo de aço. Acredito que este é um dos pontos que eu havia lido sobre a necessidade de se ter guia. Com calma e prudência, passamos tranquilamente. Em dez minutos, vencemos mais cerca de trinta metros verticais e assim, de fato, chegamos ao ponto culminante do Pico do Fogo, a 2.829 metros de altitude.

A descida foi frenética devido à inclinação e ao terreno macio que fazia o pé afundar nos cascalhos. O jeito foi soltar o freio e deixar descer na banguela! Impossível acompanhar Jeremias. Creio que em quarenta minutos descemos até a base, que coincide com a localização dos pontos da erupção de 2014/2015. Segundo Jeremias, um buraco expeliu vapor d'água e o outro vizinho, a lava propriamente dita. Os registros oficiais contam que a erupção durou 77 dias. Ele falou que o vulcão deu aviso, a terra começou a roncar, a tremer, a subir e a descer. Pessoas corriam apavoradas, chorando, levando pertences, incluindo móveis, para as partes mais altas. Quando o pior aconteceu, muitas pessoas já haviam sido evacuadas para áreas mais protegidas. A ilha é dividida em setores conforme o risco. Olhando para o furo de onde saiu toneladas de lava, é impossível imaginar como diminuto tamanho tenha conectado a superfície com as entranhas insólitas da Terra, causado tanta comoção e deixado tantos vestígios na paisagem.



Rochas e mais rochas impregnadas de enxofre são vistas nos locais das erupções mais recentes

A última erupção ocorrida fora de Chã das Caldeiras foi em 1785. As mais recentes tiveram sua lava escoada para a parte leste da ilha onde a Bordeira não atua como barreira natural. Restos de rochas encontrados na ilha de Santiago indicam que uma grande explosão há cerca de 73.000 anos ocasionou o colapso da Bordeira nesta porção da cratera e provocou um tsunami que atingiu Santiago.

Um interessante trabalho acadêmico na área da Antropologia, disponível on-line[1], explora a relação da população local com o Pico do Fogo. É surpreendente o respeito demonstrado a este ente, que beira a uma relação de amizade e que traz recursos para o local, seja no solo, seja no turismo.

[1] Santos, Flávia Lenira Gomes Marques dos – O Parque Natural do Fogo: cosmologias e territorialidades. Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, vol. 21 (3) – Universidade de Cabo Verde (2017). Disponível em: https://scielo.pt/pdf/etn/v21n3/v21n3a06.pdf. Acesso em 19/06/2026.



Visão do cume do Pico do Fogo – a grande caldeira que recebeu lava de inúmeras erupções.



A caldeira voltada para o lado leste do vulcão, o lado colapsado. Nota-se o povoado principal de Chã das Caldeiras no centro-esquerdo da foto

Despedi-me de Jeremias e, no dia seguinte, ainda percorri cerca de 10 km pela estrada de acesso à São Filipe. Dentre as cenas marcantes vistas, a de uma casa que flutuou na lava mais densa na última erupção; a lava vitrificada; a vinha crescendo sabe-se lá Deus como; os veios cristalinos que riscam a muralha da Bordeira (em alguns locais, podem atingir mil metros de desnível). Só não localizei o único ponto de água da região, um verdadeiro milagre que proporciona a vida nas proximidades.

Conversando com pessoas locais, tomei conhecimento de duas caminhadas interessantes na região: o contorno da Bordeira pelo alto, que demanda dois dias. O pernoite é providenciado por uma equipe de apoio que sobe por um atalho para encontrar com o grupo e montar a estrutura. A outra é a descida de Chã das Caldeiras até o litoral, na localidade de Mosteiros, uma caminhada de 15 km que passa por plantações de café. O resgate por veículo deve ser combinado com antecedência. Motivos para um retorno!

No voo de retorno ao Brasil a partir de Lisboa, ainda tive a oportunidade de uma última visão daquele achado no Atlântico. A rota aérea passa justamente sobre o arquipélago. Acompanhando a rota pela tela, no momento da passagem fui até a cauda do avião onde existia uma diminuta janela de observação para uma última foto. Em poucos minutos, assim como a visão da ilha surgiu enquanto me aproximei pelo mar, a mesma ilha ficou visível por cerca de cinco minutos para uma última despedida a 12.000 metros de altitude, também borrada. Mas com cenas que permanecem bem nítidas em minha memória!



Um "pico do fogo" em miniatura!



A natureza destrói, mas retorna como matéria-prima. Rochas e mais rochas para construção de habitações no local.



Parte de uma casa que flutuou na densa lava do vulcão.



Fazendas de produção de vinhas ao sopé do Pico do Fogo

POR QUE ESTAR NA MONTANHA NÃO BASTA PARA A CONSERVAÇAO AMBIENTAL?

NINA SILVA

Você já parou para pensar se o simples ato de caminhar por uma trilha ou escalar uma parede nos torna automaticamente defensores da natureza? É comum acreditarmos que quanto mais pessoas frequentarem áreas verdes, maior será o número de indivíduos dispostos a protegê-las.

Então, imagine uma tarde de sol em um parque movimentado em algum lugar do Brasil. Em um banco, um senhor observa o padrão das asas de uma borboleta que pousa em um arbusto; ao lado, um grupo de adolescentes conversa animadamente, mas seus olhos raramente deixam as telas dos celulares. Embora compartilhem o mesmo oxigênio e o mesmo cenário verde, psicologicamente, eles habitam mundos diferentes. Esse é o *Paradoxo do Parque Urbano*: a presença física na natureza não garante mais uma conexão real com ela.

Essa foi a conclusão de um estudo conduzido na Alemanha por especialistas em ecologia urbana[1]. Apesar do contexto da pesquisa ser diferente da nossa, os resultados trazem um alerta surpreendente sobre como as mentes urbanas, especialmente as das novas gerações, estão se desconectando do mundo natural, mesmo quando fisicamente nele. E nós já sabemos que a conexão com a natureza é um pilar fundamental para o bem-estar humano, a felicidade e uma vida com propósito. Ao nos desconectarmos da natureza, não estamos apenas abandonando as borboletas e as plantas; estamos empobrecendo nossa própria existência.

O dado mais inesperado revelado pelos pesquisadores aponta que apesar de diferentes gerações (de adolescentes a idosos) frequentarem parques e áreas naturais com frequências similares, o desejo e a capacidade de se conectar com a natureza está falhando significativamente entre os mais jovens. A oportunidade de estar ao ar livre está disponível, mas algo crucial se perdeu na transição geracional. O estudo aponta que o uso constante de dispositivos móveis e redes sociais atua como um filtro onde o ambiente deixa de ser um lugar de aprendizado e restauração para se tornar um cenário anônimo, correndo o risco de se tornar apenas um "papel de parede" para selfies, perdendo sua profundidade ecológica. Por que estar na natureza não é mais suficiente? Estar na natureza é apenas metade do caminho; a forma como a absorvemos é o que realmente dita o nosso comportamento.

Outro insight interessante que o artigo traz é o fenômeno psicológico chamado de amnésia geracional, que ocorre quando cada nova geração aceita o estado degradado da biodiversidade em que nasceu como o "padrão normal". Isso cria um referencial móvel: se uma nova geração não sabe o que existia ali no passado, não percebe a degradação e a perda da biodiversidade atual e, por isso, não sentem a urgência de restaurar.

[1] Straka, T.M., Glahe, C., Dietrich, U. et al. From nature experience to pro-conservation action: How generational amnesia and declining nature-relatedness shape behaviour intentions of adolescents and adults. Ambio 54, 1165–1184 (2025). https://doi.org/10.1007/s13280-025-02135-7

A pesquisa revelou também que estamos perdendo a capacidade de nomear os seres vivos encontrados na natureza e esse "analfabetismo biológico" segue uma hierarquia taxonômica clara. Quanto menor ou mais complexo o ser vivo, mais ele desaparece da nossa mente.

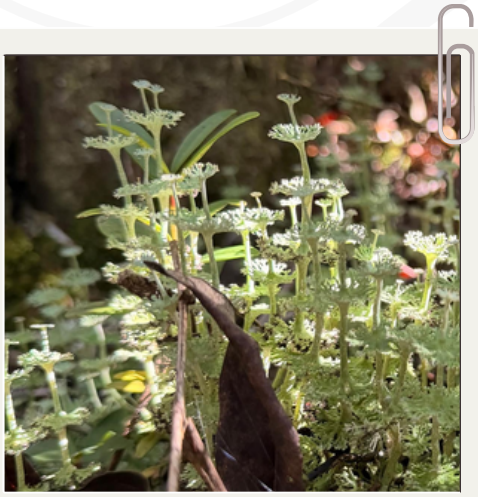
Como podemos proteger algo que sequer conseguimos nomear ou reconhecer como degradado? Se não sabemos nomear o que vive ao nosso redor, essa vida torna-se invisível. Aprender o nome de uma planta ou um animal não é apenas um exercício de memória, mas sim um ato de reconhecimento que remove o anonimato da natureza, cria um senso de responsabilidade emocional e transforma um ser qualquer em um "vizinho" digno de proteção.

No entanto, será que saber nomes de plantas e bichos é suficiente? A ciência testou dois caminhos para entender o que gera intenção de proteger o meio ambiente: o conhecimento puramente intelectual/ acadêmico e a conectividade com a natureza (a afinidade emocional, o maravilhamento e o respeito). Os resultados apontam que o sentimento de pertencimento e intimidade com o ambiente natural é um motor muito mais poderoso para a ação de conservação do que o conhecimento teórico. O conhecimento técnico ajuda, mas é o afeto construído na vivência direta que nos move a lutar por uma causa.

Penso que, para nós, montanhistas, esse cenário traz uma reflexão. Chegar ao cume não deve ser apenas uma busca por performance, números ou belas fotos. Nossas caminhadas e escaladas precisam resgatar o olhar atento: desacelerar para reconhecer a vegetação da região, escutar a avifauna local e exercitar o pertencimento. Como membros do CEP, fica a provocação para os próximos finais de semana, especialmente nas nossas atividades com as novas gerações: estamos apenas mostrando o caminho até o cume ou estamos ensinando a decifrar e amar o ecossistema que pulsa ao redor da trilha?

Na próxima vez que você estiver na montanha, tente este desafio: você é capaz de nomear algum ser vivo que encontra pelo caminho (não vale dizer que sabe o nome dos demais membros da excursão!!! Rs)? Se eles forem apenas um cenário verde e anônimo, talvez seja hora de olhar mais de perto. Para salvar a biodiversidade, precisamos primeiro salvar a nossa capacidade de notar a vida. Precisamos de "olhos de ver" para reconhecer e proteger a natureza.

"O conhecimento sobre a natureza e as questões ambientais por si só pode não levar à ação, a menos que os indivíduos experimentem a natureza e se sintam emocionalmente conectados."
(Straka *et al.*, 2025)



Líquen na trilha do Mãe d'Água.
Foto: Alfredo Eccard

COMO ORGANIZAR FITAS LONGAS NO BAUDRIER

JEFERSON COSTA*

Existem várias formas de organizar fitas longas durante a escalada. Principalmente na escalada tradicional, onde são largamente empregadas. Seja para fazer uma costura longa, no rapel, num resgate, numa parada em árvore ou bico de pedra. Não faltam utilizações para as fitas longas.



Fitas longas de diferentes comprimentos

A forma mais básica é colocar as fitas no tórax conforme a imagem abaixo:



Dependendo do tamanho da fita e do tórax do escalador, algumas medidas (60, 80, 90, 120, 200, 240 cm e etc...), podem ser acomodadas com facilidade.

* Guia Credenciado do CEP desde 1985.
Guia / Instrutor da ABGM (Associação Brasileira de Guias de Montanha).

Uma das formas segue a seguinte sequência:

1. Passe a ponta da fita/cordelete pelo polegar e o outro lado no dedo mindinho.



2. Faça voltas com a fita entre os dedos indicados.



3. Deixe um espaço no final da fita para enrolar como se fosse fazer um falcaça (corda).



4. Por fim, passe a ponta pela alça e aperte para não soltar.





5. Basta colocar um mosquetão e prender no rack do Baudrier

Uma outra forma é fazer vários nós de correr simples sem completá-los (1) (2)





E no final passe a sobra da fita pela alça (3).







Para desmontar, basta retirar a ponta da ultima alça e puxar as extremidades das fitas/cordeletes.

A IMPORTÂNCIA DO MONTANHISMO ORGANIZADO

LETÍCIA CASTILHOS LEAL FLIESS

A prática do montanhismo é reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio de Janeiro e do Município de Petrópolis, representando não apenas uma prática esportiva, mas também um conjunto de valores, tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações. A organização institucional dessa atividade é essencial para garantir sua preservação, segurança e continuidade, fortalecendo a identidade cultural e ambiental que o montanhismo carrega.

E o que é o montanhismo organizado? É o conjunto de entidades que atuam na preservação da cultura do montanhismo de onde emanam todas as diretrizes para a prática da atividade, que estão representados em distintas esferas, começando com os clubes de montanhismo e centro excursionistas, que reunidos formam a Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEEMERJ), que por sua vez integra a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada, que representa o Brasil na UIAA, a Federação Internacional de Escalada e Montanhismo.

O Rio de Janeiro é o estado com mais associações de montanhismo do Brasil e o montanhismo organizado é centenário, aqui temos as seguintes entidades: CEB (107 anos), CEF (91 anos), CERJ (87 anos), CEC (69 anos), CEP (68 anos) CEG (67 anos), GEAN (64 anos), CET (28 anos) e CNM (22 anos).

O nosso Centro Excursionista Petropolitano se destaca como uma das entidades pioneiras na promoção do montanhismo organizado no país. O estatuto estabelece diretrizes claras para a atuação dos associados, reforçando princípios como solidariedade, responsabilidade, companheirismo, respeito ao próximo e à natureza. O CEP não apenas organiza atividades, mas também contribui para a formação de montanhistas conscientes, comprometidos com a ética, com a responsabilidade, com a segurança e com a própria autonomia.

A Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEEMERJ) exerce papel fundamental na integração dos clubes e praticantes e regulamentação da prática. Os documentos são construídos por meio de amplo debate no Conselho Técnico, que é formado por dois representantes de cada clube e centro excursionista, mais montanhistas escolhidos devido seu notório saber na área. Atualmente o Conselho Técnico é composto por 54 pessoas, dos quais 8 são cepenses, Paulo Loureiro (nosso Diretor Técnico), Dalton Chiarelli, Luiz Claudio Antunes, Matheus Carvalho, Gabriel Meirinho, Reinaldo Rabelais, Jeferson Costa e eu, que estou na presidência da FEEMERJ. Existem várias publicações que orientam a prática do montanhismo que estão disponíveis na Biblioteca virtual no site da FEEMERJ.

ÉTICA

- Declaração do Tirol
- Princípios e Valores – CBME
- Código de Ética do I Congresso Brasileiro de Montanhismo
- Código de Ética FEMERJ
- Carta aos Escaladores do Rio de Janeiro
- Direito autoral e pluralidade de estilos
- Explicando o direito autoral
- Boas práticas para interação online em fóruns da FEMERJ
- Diretrizes para minimizar assédio e importunação sexual no montanhismo

O Código de Ética da FEEMERJ é um marco para a prática do montanhismo, pois define normas de conduta que valorizam a segurança, a cooperação entre montanhistas e o respeito ao meio ambiente. Esse documento é referência nacional e garante que a atividade seja exercida de forma responsável e alinhada aos valores universais do montanhismo.

O diferencial do montanhismo organizado está justamente na existência de instrumentos normativos — estatutos e códigos de ética — que orientam a prática e asseguram que os Princípios e Valores do Montanhismo Brasileiro sejam respeitados. Eles funcionam como guias para que os praticantes mantenham uma postura ética, evitando condutas que possam colocar em risco a integridade física, ambiental ou cultural da atividade.

Além disso, o reconhecimento da prática do montanhismo como patrimônio cultural imaterial reforça a necessidade de preservar não apenas os espaços naturais onde se pratica o montanhismo, mas também os valores e tradições que compõem sua essência, protegem contra a diluição cultural e outros vetores que buscam impor seus interesses e interferir nessa prática. O respeito às normas estabelecidas pelas instituições garante que essa herança cultural seja transmitida às futuras gerações, fortalecendo o vínculo entre esporte, cultura e natureza.

Sustentado pelo estatuto do CEP, pelo Código de Ética da FEEMERJ e demais documentos produzidos, o montanhismo organizado representa um modelo exemplar de prática esportiva e cultural. A valorização desses instrumentos normativos assegura que o montanhismo continue sendo uma expressão legítima de respeito à natureza, de integração social e de preservação do patrimônio cultural imaterial.

O montanhismo organizado é nossa força e nossa identidade. Cabe a cada montanhista divulgar e praticar as boas condutas, preservando a cultura que nos une e garantindo que as próximas gerações encontrem nas montanhas o mesmo espírito de respeito e identidade que nos guia hoje.

Segurança e técnica de Montanhismo (STM)

- Sistema Brasileiro de Graduação de Escaladas
- FEMERJ: Nº STE--2013/01 – Assegurando desde a parada
- FEMERJ: Nº ADM 2003/03 – Recomendações para conquista em fendas
- FEEMERJ: n.º STM-2024-01 – Sobre a falha e reforma de ancoragem intermediária de fixação do cabo de aço do artificial do CEPI
- FEEMERJ: Nº STM-2024/02 – Recomendações sobre instalação de facilitadores em vias de escalada: caso da via "Nada Consta", Pedra Bonita, Município Santo Antônio de Pádua
- FEEMERJ: n.º STM-2025-01 – Boas práticas de instalação de chumbador mecânico
- Panorama da Gestão de Riscos e Soluções para Corrosão em Ancoragens Fixas na Escalada em Rocha
- Recomendações para prática responsável do montanhismo

Cursos Básicos

- Regulamento do Programa de Certificação de Cursos Básicos de Esportes de Montanha
- Termo de Adesão ao Programa de Certificação de Cursos Básicos de Esportes de Montanha
- Agenda para marcação de aulas entre os Clubes

Programa de Formação de Guia Voluntário

- FEMERJ-STM-2017-02 – Competências mínimas para guias voluntários
- FEMERJ-STM-2017-03 – Competências mínimas para guias voluntários – Categoria: guia de montanha
- FEMERJ-STM-2017-04 – Competências mínimas para guias voluntários – Categoria: guia de caminhada
- FEMERJ-STM-2017-05 – Competências mínimas para guias voluntários – Categoria: guia de cordada
- FEMERJ-STM-2017-06 – Competências mínimas para guias volunários – Categoria: monitor de montanhismo

Manejo de Áreas Naturais (MAN)

- FEMERJ: Nº STM-2016/01 – Fundo de incentivo ao manejo de trilhas e vias de escalada
- Metodologia de classificação de trilhas v6.1 – Out 2015
- Metodologia de Classificação de Trilhas – Iconografia
- FEMERJ: Nº MAN-2013/01 – Manejo da Visitação em Áreas Naturais – Metodologia de Monitoramento de Impactos da Visitação
- FEMERJ: Nº MAN-2012/01 – Manejo da Visitação em Áreas Naturais – Conceitos para o Planejamento
- FEMERJ: Nº MAN-2022/03 – Comunicado sobre Livros de Cume
- FEMERJ: Nº MAN-2022/02 – Considerações sobre Projeto de Tirolesa Pão de Açúcar v2
- Carta à Câmara Técnica do PNSO em 11 de julho de 2012
- FEMERJ: Nº MAN-2022/01 – Diretrizes para relacionamento da FEMERJ com Projetos de Trilhas de Longo Curso

CEPENSES HOMENAGEADOS



O CEP esteve muito bem representado na Abertura da Temporada de Montanhismo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO) 2026, com dois de nossos sócios sendo homenageados por suas importantes contribuições ao montanhismo.

Na sede de PARNASO, nosso sócio Endre de Gyalokay recebeu uma justa homenagem por sua enorme contribuição ao instalar, há 35 anos, sozinho e com recursos próprios, a escada no final da travessia Petrópolis × Teresópolis — uma iniciativa histórica que já auxiliou inúmeros montanhistas ao longo das décadas.

Também celebramos a homenagem à nossa sócia Letícia Fliess, ex-presidente do CEP e atual presidente da FEEMERJ, reconhecida por sua relevante atuação em prol do montanhismo.

Parabenizamos nossos homenageados por esse reconhecimento tão merecido, que também enaltece a história e o legado do CEP no montanhismo brasileiro.

Sempre em frente!





CEP no Alcobaça



CEP no Morro do Bonet



Reunião Social de sexta



Palestra "Prevenção de conflito e acidente em campo"





Top Rope no Campo Escola da Pedra do Pastor







CEP no cume do Mãe D'água



CEP e SOPEF juntos na palestra "Expedição pela Patagônia Argentina"

ANIVERSÁRIO DO CEP 2026







PROGRAMAÇÃO

Data	Atividade	Tipo	Responsável
05/07	Maria Comprida (1.926m) – Serra das Araras	Caminhada pesada com escalada	Marcelo de Figueiredo
10/07	**Palestra:** "Guardiões da Montanha: O papel dos Clubes e Centros Excursionistas na Cultura do Montanhismo Brasileiro" - Letícia Fliess	Local: Sede Horário: 18h	
11/07	Arraiá do CEP	Local: Rua Carlos Magalhães Bastos, 225 - Duchas Horário: 18h	
12/07	Circuito Cobiçado (1.678m) x Alto da Ventania (1.470m) - PARNASO Morin/Caxambú	Caminhada moderada superior	Alfredo Eccard
18/07	Paredão Povos Originários - Serra da Ponte Funda - Vale das Videiras	Escalada (4° V E3)	Anderson Nick
19/07	Travessia Cep 70 x Pedra da Cuca - Interclube com o CET (Centro Excursionista Teresopolitano)	Caminhada moderada	Edson Gonçalves
25/07	Açú (2.232m) – PARNASO Bonfim	Caminhada pesada	Alfredo Eccard
26/07	Top Rope Campo Escola Pedra do Pastor	Escaladas diversas	Marcelo de Figueiredo
31/07	**Palestra:** "Expedição Bolívia - Entre chás, bloqueios e montanhas" - Renan Hansen e Anderson Nick	Local: Sede Horário: 18h	
01/08	Travessia Araras x Vale das Videiras - Interclube com o CNM (Clube Niteroiense de Montanhismo)	Caminhada moderada	Letícia Fliess
02/08	Travessia Pedra da Amizade x Serra Negra (1.546m) x Seio de Vênus (1.410m) – Serra da Estrela	Caminhada moderada superior	Anderson Nick

PROGRAMAÇÃO

Data	Atividade	Tipo	Responsável
08/08	Paredão Auditoria X - Tapera do Morin	Escalada (4° Vsup)	Anderson Nick
09/08	Bico do Papagaio (989m) – PARNA Tijuca - Interclubes CEP + CEB (Centro Excursionista Brasileiro) + CNM	Caminhada moderada	Nina Silva
14/08	**Palestra:** "Gerenciamento de risco jurídico na montanha: a responsabilidade civil dos guias e dos clubes."- Letícia Fliess	Local: Sede Horário: 18h	
15/08	Morro dos Macacos (990m) – REVIS Serra da Estrela	Caminhada moderada superior	Renan Hansen
16/08	Seio de Vênus (1.410m) – Serra da Estrela	Caminhada leve superior	Nina Silva
22/08	Invasão feminina na Pedra do Pastor (Interclube com o CERJ)	Escaladas diversas	Ana Alavarese e Stephanie Nass
22/08	Travessia Joãosinho (1.459m) x João Grande (1.646m) - Serra das Araras	caminhada pesada c/ rapel	Marcelo de Figueiredo
23/08	Caminho Peregrino - PARNASO Morin	caminhada moderada superior	Marcelo de Figueiredo
27/08	Aniversariantes do mês	Local: Sede Horário: 18h	
28-29/08	Parque Nacional do Itatiaia	Caminhadas diversas	Alfredo Eccard

NOTÍCIAS FEEMERJ



A FEEMERJ disponibiliza no seu site o documento: Recomendações para prática responsável do montanhismo. Nele são fornecidas orientações gerais para montanhistas (iniciantes ou não) que desejam praticar montanhismo de forma responsável. São abordados temas como o conhecimento dos riscos, escolha do destino, contratação de guia de montanha entre outros. Dividido em 10 itens, o documento visa fornecer informações de forma rápida e precisa para auxiliar àqueles que desejam se aventurar pelas montanhas.



Outro documento relevante é o "Diretrizes para MInimizar assédio e importunação sexual no montanhismo", que busca auxiliar na definição de condutas esperadas e reprovadas, além de orientar sobre como proceder em casos de comportamento inadequado, fornecendo diretrizes claras e boas práticas para prevenir importunação e assédio, delinear condutas esperadas e reprovadas, de modo a construir um ambiente respeitoso e inclusivo condizente com a ética do montanhismo organizado.

Nova Funcionalidade no escalada.com.br

Agora você pode compartilhar relatos de acidentes e quase-acidentes ocorridos na escalada. A nova ferramenta foi criada para fortalecer a segurança da comunidade brasileira de escalada, permitindo que todos aprendam com situações reais vividas nas montanhas e paredes do país.

Acesse agora, conheça a novidade e contribua com seus relatos.

🌐 www.escaladas.com.br

Compartilhe. Aprenda. Previna. Salve vidas.

Reabertura de trilha – No final de junho, os sócios Marcelo García e Mariana Moreno reabriram a trilha do Juriti, que estava totalmente fechada. Na ocasião, não encontraram o livro de cume. Caso outros sócios façam essa trilha, é recomendável levar facão, luvas e livro de cume.



CEP na Alta Montanha – Os sócios Jeferson, Nick e Renan acabem de retornar de uma expedição à Bolívia, onde alcançaram diversos cumes! Os detalhes dessa aventura em alta montanha serão compartilhados num bate-papo na sede do CEP no dia 31/07

Livros de cume - O CEP adquiriu 10 cadernetas com canetas para livros de cume. Havendo necessidade favor solicitar a diretoria